



Volume 24

2019

Presidente Prudente/SP

INTERTEMAS	Presidente Prudente	v. 24	329 páginas	2019
------------	---------------------	-------	-------------	------

ISSN 1516-8158 (físico)
ISSN 2176-848X (eletrônico)

CENTRO UNIVERSITÁRIO ANTONIO EUFRÁSIO DE TOLEDO DE PRESIDENTE PRUDENTE

Reitora e Pró-Reitora Acadêmica: Zely Fernanda de Toledo Pennacchi Machado
Pró-Reitora Financeira: Maria do Carmo de Toledo Pennacchi
Pró-Reitora Administrativa: Maria Inês de Toledo Pennacchi Amaral

REVISTA INTERTEMAS

Linha editorial: Relações Sociais e Ambientais para uma Sociedade Inclusiva
Temática: Direitos Humanos, Meio Ambiente e Desenvolvimento
Periodicidade anual

EDITORES

Ana Carolina Greco Paes (TOLEDO PRUDENTE)
André Simões Chacon Bruno (USP)
Sérgio Tibiriçá Amaral (TOLEDO PRUDENTE)

CONSELHO EDITORIAL

Alfonso Jaime Martínez Lazcano (SNI-CONACYT)
Daniel Brantes Ferreira (UERJ)
Dennys Garcia Xavier (UFU)
Felipe Rodolfo de Carvalho (UNEMAT)
Haroldo de Araujo Lourenço da Silva (UFRJ)
Paulo Eduardo D'Arce Pinheiro (TOLEDO PRUDENTE)
Wladimir Brega Filho (FUNDINOPI)

EQUIPE TÉCNICA

Ana Carla dos Santos Barboza (Secretária –TOLEDO PRUDENTE)
Daniela Mutti (Secretária –TOLEDO PRUDENTE)

Versão eletrônica

ISSN 2176-848X

Disponível em: <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/INTERTEMAS>

Indexadores e Diretórios

Latindex folio 14938

Sumários de Revistas Brasileiras código 006.064.819

Permuta/Exchange/Échange

Biblioteca "Visconde de São Leopoldo" – TOLEDO PRUDENTE

Praça Raul Furquim nº 9 – Vila Furquim

CEP 19030-430 – Presidente Prudente / SP

Sítio eletrônico

<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/INTERTEMAS>

Contato

Telefone: +55(18)3901-4004 E-mail: nepe@toledoprudente.edu.br

Intertemas: Revista da Toledo, v. 24 – 2019

Presidente Prudente: Centro Universitário "Antônio Eufrásio de Toledo".
2019. 21cm Revista do Centro Universitário Antônio Eufrásio de Toledo
de Presidente Prudente (SP)

1.Direito – Periódicos CDD – 340.5
ISSN 1516-8158
ISSN 2176-848X (eletrônico)

Sumário/Contents

NOTA AO LEITOR.....	5
UMA BREVE ANÁLISE DO DISCURSO JURÍDICO A PARTIR DE ALGIRDAS JULIEN GREIMAS	6
<i>Alexandre Simão de Oliveira Cardoso</i>	
O CONCEITO DE REGRA:UMA ANÁLISE CRÍTICA DA OBRA DE FREDERICK SCHAUER	27
<i>Felipe Rodolfo de Carvalho</i>	
RAZÃO TÉCNICA E RAZÃO COMUNICATIVA: AINDA SOBRE O “ROMPIMENTO” DE HABERMAS COM A PRIMEIRA GERAÇÃO DA TEORIA CRÍTICA	44
<i>Jonathas Vinicius Figueiredo Moraes</i>	
REVOLUÇÃO NA <i>TERRA PLANA</i> : CINISMO E TRANSFORMAÇÃO ADIADA.....	69
<i>Gabriel Mota Maldonado</i>	
MANIFESTAÇÕES DE 2013 E A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2018: UMA REVOLUÇÃO QUE NÃO DEU CERTO?	87
<i>Ana Carolina Greco Paes</i>	
A EVOLUÇÃO DO CONSTITUCIONALISMO NO BRASIL E NO MUNDO	105
<i>Ana Laura Perozo Bortolo</i> <i>Sérgio Tibirica Amaral</i>	
A FORÇA FORMAL CONSTITUCIONAL DA CONVENÇÃO AMERICANA DE DIREITOS HUMANOS.....	133
<i>Lucas Octavio Noya dos Santos</i>	
A JURISDIÇÃO DA CORTE INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS: AS SENTENÇAS E FORÇA NORMATIVA.....	162
<i>Sérgio Tibirica Amaral</i> <i>Ellãn Araújo Silva</i>	
A CAPACIDADE DO INCAPAZ NO DIREITO DE FAMÍLIA.....	190
<i>Jesualdo Eduardo Almeida Junior</i>	

INTERTEMAS	Presidente Prudente	v. 24	329 páginas	2019
------------	---------------------	-------	-------------	------

A NATUREZA JURÍDICA DO DIREITO REAL DE LAJE E O DIREITO DE SUPERFÍCIE: UM INSTITUTO CRIADO PELA LEI 13465/17 ..209

Jacqueline Letícia Stachwski Dalago
Sarah Francine Schiriner

CONCURSO DE PESSOAS EM ACIDENTE DE TRANSITO: UMA PROPOSTA DA ALTERAÇÃO DO LEGISLATIVA231

Letícia Tavares Rodrigues
Douglas Barbosa da Silva
Guilherme Bittencourt Martins

SUBORDINACIÓN DE LA DEMOCRACIA INSTRUMENTAL A LOS DERECHOS HUMANOS254

Alfonso Jaime Martínez Lazcano

LAS ANTINOMIAS DISCIPLINARES EN LA COMPRESIÓN JUDICIAL DE LA PRUEBA EXPERTICIAL ANTROPOLÓGICA287

Jacobo Mérida Cañaverál

LA PROMESA INCUMPLIDA DE LOS DERECHOS SOCIALES300

Talita Garza
Luís Gerardo Rodríguez Lozano

NOTA AO LEITOR

É com grande satisfação que oferecemos aos nossos leitores a 24ª edição da revista INTERTEMAS, que no ano de 2019 comemora 20 anos de existência.

Nessa edição comemorativa, citamos o professor Doutor Sebastião Jorge Chammé, fundador da revista INTERTEMAS, que, versando sobre a mesma, escreveu no ano de 1999 o seguinte: “todos os textos aqui contidos, um a um, estarão revelando ao leitor, a magia que tão bem a linguagem escrita é capaz de revelar”.

Seguimos, inspirados pela lição do Prof. Dr. Chammé, procurando entregar aos leitores artigos que reflitam discussões acadêmicas de qualidade. Todos artigos foram escritos por mestres e/ou doutores, sendo que quatro deles foram acompanhados de discentes orientandos destes pós graduados. A revista INTERTEMAS procura dar voz aos discentes que têm se empenhado em suas pesquisas.

Nesta edição comemorativa, foi dado enfoque à visão crítica do direito, abordada em artigos que tratam sobre a filosofia do direito, direitos humanos e direito civil. Contamos também com três artigos estrangeiros produzidos por pós graduados da Universidade Autônoma do México.

Por fim, buscando ampliar a divulgação e o acesso à pesquisa, esta edição sela a transição das revistas físicas para a plataforma digital como meio de divulgação da revista INTERTEMAS.

Desejamos a todos e todas uma ótima leitura.

A Comissão Editorial

INTERTEMAS	Presidente Prudente	v. 24	329 páginas	2019
------------	---------------------	-------	-------------	------

**REVOLUÇÃO NA *TERRA PLANA*: CINISMO E TRANSFORMAÇÃO
ADIADA**

MALDONADO, Gabriel Mota¹

RESUMO: Este artigo procura investigar as interações entre o cinismo social e o estado de transformação ensaiada, no qual a aparência de mudança em geral disfarça o continuísmo das condições humanitárias e sociológicas. Para tanto, procurou-se traçar o perfil de um certo obscurantismo pós-moderno, que resgata ou cria crenças absurdas e completamente anti-factuais, modo de trazer à reflexão um fenômeno aparentemente pitoresco e marginal, mas que consegue referenciar uma forma de interação com a realidade que, ainda que pareça prescindir de qualquer plausibilidade, possui um razoável número de adeptos e notável projeção. A partir de então, se mostrou como esse cenário pode ser lido a partir do cinismo enquanto racionalidade própria do tempo atual, o que deixará claro como é ele, o cinismo, o responsável por oferecer o suporte racional a um sistema que em situações normais estaria a ponto de destruição – ou seja: é o cinismo a força que permite a perturbadora perpetuação de um estado de emergência contínuo, no qual as alterações possíveis (o horizonte de expectativas) são a todo tempo ironizadas, e as modificações estruturais e subjetivas de relevo (as revoluções) são a todo tempo adiadas.

Palavras-chave: Pós-modernidade; cinismo; revolução.

ABSTRACT: This paper seeks to investigate the interactions between social cynicism and the state of transformation rehearsed, in which the appearance of change generally disguises the continuity of humanitarian and sociological conditions. To this end, we sought to profile a certain postmodern obscurantism, which rescues or creates absurd and completely anti-factual beliefs, a way to bring to reflection a seemingly picturesque and marginal phenomenon, but which can refer to a form of interaction with others. the reality that, although it seems to do without any plausibility, has a reasonable number of supporters and remarkable projection. From then on, it was shown how this scenario can be read from cynicism as rationality proper to the present time, which will make it clear how it is, cynicism, responsible for providing rational support to a system that in normal situations would be to the point of destruction - that is, cynicism is the force that allows the disturbing perpetuation of a continuous state of emergency, in which the possible changes (the horizon of expectations) are all the time mocked, and the structural and subjective modifications of relevance. (the revolutions) are postponed all the time.

Keywords: Postmodernity; cynicism; revolution.

¹ Advogado. Mestrando em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela Universidade de São Paulo (USP).

1 INTRODUÇÃO

Publicado em fevereiro de 1890, o romance *O signo dos quatro* traz uma das muitas aventuras em que Sherlock Holmes e John Watson desvendam crimes e ajudam a capturar os responsáveis. Como é praxe em histórias como essa, após uma longa trajetória de imprevistos e reflexões que captam certa regularidade no comportamento transgressor, as ações criminosas são antecipadas e seus autores identificados e julgados. Na peripécia do signo dos quatro, antes de capturar os criminosos, os protagonistas conjecturam a respeito da figura individual de cada um deles, chegando à inevitável conclusão de que, fossem os infratores analisados separadamente, seria improvável que qualquer um decifrasse o enigma e os detivessem. Pela boca de Sherlock Holmes, então, sai a explicação mais peremptória: "(...) embora o homem individualmente seja um enigma insolúvel, o agregado humano representa uma certeza matemática [...]. Os indivíduos variam, mas as percentagens permanecem constantes"(DOYLE, 2015, p. 123).

A natureza humana, imperscrutável, não deixaria que os indivíduos fossem decifrados, mas permite que, com uma certa astúcia, um observador antecipe as ações de determinado grupo, prognostique suas razões e prediga seus planos. Por mais perturbador que seja esse entendimento, o personagem central de Arthur Conan Doyle parece preciso ao sentenciar que "nunca se pode prever, por exemplo, o que fará um homem, mas é possível prever as atitudes de um certo número deles"(DOYLE, 2015, p. 123).

A parte socializada das idiosincrasias humanas, no entanto, dá indícios das condutas e das mentalidades a elas subjacentes, dos significados, em ações e em palavras, trejeitos e afetos, que são partilhados e formam a teia de respaldo dos indivíduos. Daí é que identificar as condutas é também identificar o que há de comum no modo de pensar e fazer em determinada época, já que, "toda conduta se extrai de uma base de normalidade, da quotidianidade de sua época" e "quando se tem uma conduta, tem-se, necessariamente, a mentalidade correspondente"(VAYNE, 1998, p. 83).

Ao dizer o que "os indivíduos variam, mas as percentagens permanecem constantes", Sherlock Holmes nos lembra que o ser humano é mais que o complexo de lutas e fagulhas internas, pois sua face conjectural,

aquela ligada à história de seu tempo e a todas as heranças trazidas consigo, fala a respeito de um nó de sociabilidade e comunhão sem o qual não se viveria e pelo qual, embora não consiga esgotar as possibilidades de conduta de cada um, se consegue referenciar a 'normalidade' e a 'mentalidade' a ela correspondente, dando notícias daquilo que, de forma orgânica, o ser humano pode não só se ver obrigado a perseguir, mas sobre o que, enquanto seres de conduta, homens e mulheres rastreiam como objeto de seu desejo.

Fato é que o (re)surgimento de novas e velhas verdades, aparentemente há muito superadas, dá pistas do que se entende por normalidade exatamente porque o anteparo dessa conduta com relação à realidade advém de uma mentalidade específica. Nesse ponto, ainda que com certo incômodo, é preciso deixar de lado a impressão de que seitas e movimentos que se aferram em crenças adormecidas pelo caminhar da experiência humana são apenas um estado de transe coletivo sem muitos efeitos sérios sobre os indivíduos. Aqui, o interessante é perceber que elas só se proliferam porque existe material sociológico e técnico e que é justamente a falta de diálogo entre esses dois matizes da materialidade que permite a ressignificação de símbolos da maneira como o fazem os que desacreditam, por exemplo, da circunferência da terra ou das evidências da evolução das espécies.

Dado um passo para trás do problema e ficará claro que esse tipo de conduta é tributário de uma forma de ver a realidade que diz mais do cotidiano da existência pós-moderna do que normalmente se pensa. Atributos como flexibilidade, adaptabilidade e agilidade não são palavras inofensivas e distantes da vida normal: são mantras de uma roda histórica, prescrevem e determinam comportamentos e, de novo, mentalidades. Mentalidades que se enraizaram em uma modalidade ideológica *sui generis*, típica de uma época em que a condução dos negócios mundanos não deve se pautar por nada fixo, nada que atrapalhe os fluxos ou demande um comprometimento firme a certos valores. Em outras palavras, é necessário ver o solo ideológico que permite o distanciamento prático do que é sólido e que promove, por isso mesmo, um conjunto de condutas que ironizam os próprios fundamentos a elas subjacentes.

Eis a ideologia cínica, ou somente cinismo: uma fórmula ideológica que, porque deve permitir o trânsito e a desterritorialização de tudo e de todos, inclusive de si mesma, suaviza o poder dos fatos, das normas, dos valores e que, com isso, ri de si própria e daquilo que prega; uma ideologia cuja “dominação é assegurada, não pelo seu valor de verdade, mas pela simples violência extra-ideológica e pela promessa do lucro”(ZIZEK, 1996, p. 314).

Na peça que se ensaia cotidianamente, isso é claro, o cinismo não quer ser personagem principal. Ao contrário, ele tem papel de ocultador e, como tal, deve permanecer oculto aos modos comuns da vida cotidiana. O importante, contudo, é perceber que, mais do que personagem, o cinismo é o *cenário* dentro o qual as mais escatológicas possibilidades podem alcançar fama e prestígio, ou, pior, podem funcionar como baliza de uma nova forma de lidar com a realidade flexível e plástica pós-moderna. Nesse tipo de ideologia, como se verá, reina o prestígio da performance numa estrutura de disfarce porque aquilo que se almeja ou se tem por fundamento – o horizonte de expectativas que guia a ação – foi completamente ironizado e é exatamente esse procedimento cínico-típico – a ironização dos ‘horizontes’ – que permite assumir crenças as mais neuróticas e surreais possíveis, escamoteando de antemão quaisquer das forças emergentes que poderiam promover as mudanças substanciais na realidade objetiva.

2 TERRA PLANA

Em novembro de 2017, mais de quinhentas pessoas de todo mundo pagaram, cada uma, duzentos e quarenta e nove dólares para comparecerem à primeira (até onde se sabe) “Conferência Internacional da Terra Plana” (*Flat Earth International Conference* ou *FEIC*),² no subúrbio da cidade de Raleigh, no estado americano da Carolina do Norte. Na primeira manhã do primeiro dos dois dias de evento, Derryle Marble inaugurou o microfone dizendo ao público que eles não estavam malucos: “Look around you. You’ll notice there’s not a

² Depois dessa, outras duas Conferências organizadas pela FEIC aconteceram em Denver (Colorado, Estados Unidos), nos dias 15 e 16 de novembro de 2018, e em Edmonton (Alberta, Canadá), entre 9 e 10 de agosto de 2018.

single toinfoil hat. We are normal people that have na abnormal perspective”(BURDICK, 2018, s/p).

Logo após o aviso, Marble contou a história de sua conversão para o *terraplanismo*. Ex-combatente americano no Iraque, Derryble e sua namorada passaram os dois primeiros anos após seu retorno buscando informações sobre teorias conspiratórias até que, por sugestão do *YouTube*, em meio a vídeos sobre a série de tevê americana *Under the dome* (no Brasil, “Sob a redoma”), os dois acidentalmente assistiram a um filme-documentário homônimo da série televisiva, produzido por Mark K. Sargent, um dos mais proeminentes terraplanistas, cuja obra se incumbe, em especial desde fevereiro de 2015, a propagar a ideia de que a humanidade vive numa espécie de redoma dentro da qual está o planeta Terra. Inspirado pelas dezenas de vezes que assistiu ao documentário de Sargent, Marble passou a performar e gravar em vídeo pequenos experimentos – como o que usa um simples nível para testar a inclinação dos aviões em viagens longas, que demandariam, segundo os terraplanistas, uma inclinação da aeronave para acompanhar a curvatura da Terra. Uma vez colocados no *YouTube*, vídeos como esse deram a Marble mais de vinte e dois mil seguidores e o ajudaram a se tornar um embaixador da causa.

A plataforma de compartilhamentos de vídeo também é essencial para o organizador da FEIC, Robbie Davidson. Davidson é também presidente da *Kryptoz Media & Flat Out Truth Productions*, produtora de documentários que procuram desmentir teorias como as da evolução e do Big-Bang para “promover a verdade de Deus e expor as mentiras do mundo”, como descreve o próprio Davidson no seu canal no *YouTube*, *Celebrate Truth*.³ Assim como Marble, o criador da Conferência acredita que a mentira sobre o formato da Terra é mais uma de tantas outras, como dinossauros, evolução e gravidade, todas empenhadas em obnubilar a verdade – que se encontra na Bíblia. Embora seja um terraplanista convicto, Davidson enfatiza a diferença entre as teorias que embasam suas ideias e aquelas defendidas pela *Flat Earth Society*,

³ Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCz81Ii1Fu_TRUvrc_iiVDA/featured Acesso em 01 nov. 2019

a qual, segundo ele, criou um modelo em que a Terra não é um plano estacionário, com a lua, o sol e as estrelas dentro da redoma, mas um disco voando pelo espaço, o que, para Davidson, expõe a teoria ao ridículo ao representar a Terra como uma “panqueca voadora”.

Conferências, reuniões ou quaisquer manifestações terraplanistas possuem ligeiras variantes de conteúdo, mas compartilham pontos de identidade claramente apreensíveis à primeira vista. Em primeiro lugar, desconfia-se de tudo. Confiando somente na desconfiança, Sargent pode sugerir, por exemplo, que o mundo é comandado um “pequeno e assustador grupo de fumantes sentados em volta de uma mesa” e que a NASA mantém esses senhores protegidos atrás de uma imensa parede de gelo. No mesmo tom, Gary John, entusiasta e porta-voz da nova crença, ao falar para o público na abertura da *Flat Earth UK Convention*,⁴ evento sediado em Birmingham, na Inglaterra, é taxativo ao dizer que “quando as pessoas me perguntam no que eu acredito, eu não consigo dizer que acredito 100% em nada”; e completa: “apesar disso, não vivemos em um globo”.

Mas não só as crenças comuns e os fatos científicos são alvos da desconfiança terraplanista: também aqueles que partilham da convicção alternativa sobre o formato da Terra, mas que defendem pequenas diferenças na abordagem, são rapidamente transformados em alvos do desprezo ‘científico’ de seus potenciais correligionários e taxados de agentes duplos, que, na realidade, estão a mando do *stablishment*. Assim como Robbie Davidson já havia dito, outros colegas, como o brasileiro Siddharta Lemos, dono de páginas e canais sobre o assunto (e, portanto, uma autoridade terraplanista),⁵ afirmam que teorias alternativas à terra plana estacionária são em verdade “oposições controladas”, “um indivíduo e ou grupo que se auto-denomina publicamente contra o sistema mas, na verdade, serve aos

⁴ Disponível em: <https://www.flatearthconventionuk.co.uk/#top>. Acesso em 01 nov. 2019

⁵ Seu canal no YouTube se chama “Professor Terra Plana” e já foi visualizado mais de 440 mil vezes <https://www.youtube.com/channel/UC3mPqVcle7WR40Xo7VGgLcw/videos>. Acesso em 01 dez. 2018.

interesses do mesmo e promove, sorrateiramente, a sua agenda”.⁶

Mais curiosa, no entanto, parece ser a consequência mais direta dessa conduta/mentalidade cética: não se acredita em fatos. Como sentenciado por um dos palestrantes na FEIC, “fatos não são verdade somente porque eles são fatos, se é que isso faz algum sentido”. Talvez por isso, terraplanistas neguem sem constrangimento a existência de pessoas como George W. Bush ou Stephen Hawking (“você realmente acredita que ele teve ELA por mais 50 anos?”), ou eventos como os atentados de 11 de setembro e o holocausto.⁷ Com todo esse arsenal de questionamentos em mãos, o terraplanismo se transforma em um salvo conduto para se crer literalmente em qualquer coisa. Não por outra razão já se nota, como o fez o jornalista do *The New Yorker*, Alan Burdick, que cobriu a primeira FEIC, em Raleigh, a capacidade de atração que o movimento tem sobre posições similares: “*it’s the mother of all conspiracies*”.⁸

Observar os movimentos e comportamento dos entusiastas do terraplanismo fornece um retrato de um mundo que se dissolve em desconfiança.⁹ A “mãe de todas as conspirações” mostra em seus mecanismos

⁶ Entrevista concedida ao jornal Metrôpoles, disponível em <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/terra-plana-grupo-que-desacredita-a-ciencia-ganha-adeptos-em-brasilia>. Acesso em 01 dez. 2018.

⁷ Posição famosa do terraplanista Eric Dubay, autor do vídeo “*220 proofs taht Earth is not a spinning ball*” e guru do movimento.

⁸ Conforme sítio na internet: <https://www.newyorker.com/science/elements/looking-for-life-on-a-flat-earth>. no mesmo sentido, sugere o entusiasta Siddharta Lemos: “A Terra Plana não é só o formato do mundo, é a ponta do iceberg e abre portas para entender muitas outras realidades”.

⁹ Pesquisas do DataFolha261 e do ICJBrasil revelam que apenas 2% da população confiam nos partidos políticos; 3% confiam muito na Presidência da República; 24% confiam no Judiciário. Sintomaticamente, a compilação dos dados informa que a desconfiança do brasileiro só fez aumentar entre 2013 e 2017, e que instituições importantes do Estado e da sociedade, como o Ministério Público e a Igreja Católica,²⁶³ sofrem igualmente com o descrédito. Os resultados dos estudos de amplitude nacional são acompanhados pelo relatório anual do *Eldeman Trust Barometer*,²⁶⁴ que capta a curva ascendente da desconfiança do brasileiro em “organizações não-governamentais”, “empresas (*business*)”, “governo” e “mídia”. Produzido desde 2001, o *Eldeman Trust Barometer* mostra, ainda, que a confiança, tanto aqui como alhures, não dá sinais de recuperação. Ao contrário, países dos mais variados níveis de desenvolvimento econômico e social – como Brasil, Índia, Austrália e Canadá – apresentam queda representativa na confiança entre 2017 e 2018, compartilhando, quase indistintamente, a desconfiança em relação a instituições políticas e temores variados sobre a instrumentalização de ferramentas tecnológicas. Instala-se o cenário para que a própria verdade factual seja sempre descreditada: daí o ilustrativo título do relatório de 2018 do *Eldeman Trust Barometer*: “*The Battle for Truth*” (disponível em:

de justificação o funcionamento das dinâmicas de produção de sentido da atualidade, nas quais fatos, estruturas e pessoas são desacreditadas por si só: se não se pode enxergar ou estar em algum planeta, por exemplo, ele simplesmente não existe; se não se pode tocar as estruturas de poder e constrição da liberdade, elas são um mito.

O problema surge exatamente quando se confronta a 'verdade' terraplanista. Pois, do mesmo modo que eu não posso ver o formato da Terra, eu não consigo provar para os incrédulos da ciência que a Terra *não é plana*. Como consequência, para justificar suas posições, os terraplanistas desenvolvem um raciocínio circular que diz basicamente que sua visão do mundo em que vivemos, desde seu formato até os acontecimentos que nele se passam, é correta porque não pode ser desmantelada através dos mesmos meios e visões de que eles partem. No raciocínio terraplanista, paradoxalmente, as condutas e mentalidades são de tal monta disruptivas que evocam a necessidade de os outros 'provarem' o contrário do que é uma questão de crença.

De qualquer forma, parece haver uma recompensa clara aos participantes de seitas que questionam desde a veracidade dos fatos até o formato do globo terrestre: o conforto espiritual de ser, novamente, o centro do universo. Sem evolução nem Big-Bang, o ser humano retorna ao patamar de criatura predestinada, destrona a ciência de seu papel de produtora de conhecimento válido e alivia as consequências que uma era de incerteza e fluidez tem sobre sua vida. Essa conduta, que, em verdade, ressignifica o papel e o propósito da existência em si, revela uma forma tipicamente religiosa e fundamentalista de interagir com a realidade. Talvez por isso se consiga explicar por que pesquisas têm descoberto que cerca de 52% dos terraplanistas se consideram muito religiosos, enquanto na população em geral esse percentual gira em torno de 20%.¹⁰ O que de fato encontra reverberação nas falas e pronunciamentos que invariavelmente ridicularizam a 'ideia' de que

[http://cms.edelman.com/sites/default/files/2018-02/2018 Edelman Trust Barometer Global Report FEB.pdf](http://cms.edelman.com/sites/default/files/2018-02/2018%20Edelman%20Trust%20Barometer%20Global%20Report%20FEB.pdf))

¹⁰ Disponível em: <https://today.yougov.com/topics/philosophy/articles-reports/2018/04/02/most-flat-earthers-consider-themselves-religious>. Acesso em: 01 dez. 2018.

a humanidade evoluiu dos primatas – “abra sua Bíblia e leia todos os versos que descrevem a criação de Deus de novo. Evolução é uma mentira que te ensina que você é um mero acidente em um Big-Bang”, declara o criador da FEIC, Robbie Davidson, na descrição de seu canal no *YouTube*.

Esse tipo de dinâmica, que direciona assuntos atuais para dentro de instituições tradicionais não é novidade. Desde muito, já se notou esse movimento com o caminhar do dismantelamento das redes sócio-afetivas de proteção típico da pós-modernidade: o “desejo de valores estáveis faz surgir uma ênfase intensificada na autoridade das instituições básicas – como a família, a religião, o Estado” (HARVEY, 2014, p. 161). Chama particularmente a atenção, no entanto, o resultado do choque entre essa recentralização dos processos de sociabilidade e individualização tradicionais e o ambiente pós-moderno: é que os fatores de consolo são tão mais fortemente buscados quanto maior é a insegurança e instabilidade da vida cotidiana, o que faz com que, na era da liquidez, as organizações e as doutrinas que entreguem esse tipo de conforto capitalizem uma espécie de comportamento fundamentalista. Pois, assim como o encanto renovado nas instituições e doutrinas que endereçam as angústias existenciais, “o fascínio do fundamentalismo provém de sua promessa de emancipar os convertidos das agonias da escolha” (HARVEY, 2014, p. 161). Sobre isso, Zygmunt Bauman (1998, p. 226) é preciso:

O fundamentalismo é um fenômeno inteiramente contemporâneo e pós-moderno, que adota totalmente as “reformas racionalizadoras” e os desenvolvimentos tecnológicos da modernidade, tentando não tanto “fazer recuar” os desvios modernos quanto “os ter e devorar ao mesmo tempo” – tornar possível um pleno aproveitamento das atrações modernas, sem pagar o preço que elas exigem. O preço em questão é a agonia do indivíduo condenado à auto-suficiência, à autoconfiança e à vida de uma escolha nunca plenamente fidedigna e satisfatória.

De fato, nada é mais formidavelmente reconfortante do que entregar um chão conhecido a si mesmo, mas um dos perigos desse encontro tradição-pós-modernidade recai exatamente sobre aqueles que ainda estão desenvolvendo sua visão de mundo e, portanto, sobre as pessoas que atuarão

na realidade no futuro. Talvez porque nenhuma geração dê melhor testemunho dos efeitos que a perda dos referenciais de estabilidade tem sobre a existência do que aquela que desde o nascimento convive cotidiana e obrigatoriamente com as mais novas formas de comunicação e troca, os *millennials* comportam as faixas etárias da população que mais desconfiam das instituições em geral¹¹ e, como a recente pesquisa da *YouGov* mostra,¹² também são os que menos firmemente acreditam que a Terra é redonda.

Embora apresente caracteres próprios, o terraplanismo serve como um ponto magnético de um ceticismo secular fundamentalista que convoca várias outras distorções, todas elas, como visto, entabuladas pelo signo da desconfiança, essa que é a característica mestra do cinismo moderno e que dificulta, se não impede, a construção de ações coletivas e mudanças políticas com algum significado. Pois,

O gesto mais característico do cínico é duvidar da sinceridade do discurso dos outros, ao mesmo tempo em que se recusa a enfrentar as razões de outras pessoas sobre seus motivos ou ações. Isso torna o cínico imune à persuasão por parte dos outros e, de fato, o deixa com dúvidas sobre a possibilidade de persuasão. Consequentemente, o cínico encontra poucas coisas para dar e receber a discussão política de sempre (MAZELLA, 2007, p. 4).

3 CINISMO

Os acontecimentos públicos que a humanidade testemunha hoje tornam praticamente indefensável praticar uma reflexão sobre realidade que não leve em conta o cinismo. São flagrantemente cotidianas a dissimulação de interesses e a utilização de valores intersubjetivamente partilhados como forma de fundamentar ações opostas àquelas que se esperaria. Ato contínuo, essa

¹¹ É o que nos fala a pesquisa do Instituto de Política de Harvard. Disponível em: <https://www.usatoday.com/story/college/2015/04/29/harvard-poll-finds-millennials-have-little-faith-in-government-media/37402403/>. Acesso em: 01 dez. 2018.

¹² Disponível em: <https://today.yougov.com/topics/philosophy/articles-reports/2018/04/02/most-flat-earthers-consider-themselves-religious>. Acesso em: 01 dez. 2018.

conduta, que se erige, hoje, como racionalidade a ponto de participar da cúpula dos negócios humanos, é tributária de uma mentalidade que implode a qualidade prática dos fundamentos da ação. Uma mentalidade que se exaspera com a incerteza moderna – aquela que oferece mais uma justificação que abarque todas as esferas da existência e que entrega ao ser humano a incumbência de fabricar sua própria motivação – e que, ao chegar na pós-modernidade, não vê razões para se manter fiel a nada, muito menos levar qualquer coisa a sério.

Trata-se de um fenômeno de certa maneira orgânico a um sistema que “não necessita mais de crença alguma” (DELEUZE; GATTARI, 2010, p. 298) porque ele se automatizou sob os padrões da multiplicidade e da ausência de patamares e fixos, organizando um estado de coisas que se orienta pela fungibilidade, que, por sua vez, alcança desde as trocas financeiras até as implicações morais de determinada atitude. Ao conformar um modelo assim, pelo qual não se poderia alcançar outro resultado que não o de “fragilizar continuamente as formas e as normas que ele mesmo enunciava”, (SAFATLE, 2008, p. 18) é que se consolida não “a idade da crueldade nem do terror, mas a idade do cinismo, que é, ao mesmo tempo, a idade da acumulação do capital, dado que este implica o tempo, precisamente para a conjunção de todos os fluxos descodificados e desterritorializados” (DELEUZE; GATTARI, 2010, p. 299-300).

À contínua fragilização das formas se acoplará a suspeita sobre o que não parece ter sobre os indivíduos e sobre a coletividade a autoridade para exigir obediência. Contingencial e estruturalmente, o mundo produtivo exigirá mais para a satisfação pessoal do que o cumprimento dos papéis tradicionalmente desempenhados e que diziam respeito, especialmente, às funções reprodutivas e econômicas dos componentes da família e de uma comunidade. Exigirá um reinventar pessoal constante, uma remodelação dos predicados de caráter e de percepção da vida comum que deixaram para trás o que já se enxergou como uma *sociedade disciplinar* para engendrar uma nova, a *sociedade do desempenho*:

O imperativo da expansão, transformação e do reinventar-se da pessoa, cujo contraponto é a depressão,

pressupõe uma oferta de produtos ligados a identidade. Com quanto mais frequência se troca de identidade, tanto mais se impulsiona a produção. A sociedade disciplinar industrial depende de uma identidade firme e imutável. Enquanto que a sociedade do desempenho não industrial necessita de uma pessoa flexível, para poder aumentar a produção (HAN, 2017, p. 97).

Nesse cenário, a flexibilidade adentra ao complexo íntimo da pessoa, provocando a “central e mais dolorosa das ansiedades: a que se relaciona com a instabilidade da identidade da própria pessoa e a ausência de pontos duradouros, fidedignos e sólidos que contribuiriam para tornar a identidade mais estável e segura” (BAUMAN, 1998, p. 155). Por isso o trabalho, a atividade em que o ser humano mais empenha tempo e esforço, referenciará tanto da atual conjuntura de patologias. De fato, como um *sujeito do desempenho*, que carrega consigo a pressão por produtividade e responde à vacuidade dos padrões de mensuração, o sujeito pós-moderno processa mal (ou nem isso) os espaços que entrecortam a produtividade, participando, com intensidade peculiar, do “século da velocidade, da euforia *prêt-à-porter*, da saúde, do exibicionismo” (KEHL, 2015, p. 22). Com isso, ele flerta constantemente com a depressão e a ansiedade, doenças psíquicas a que se tem identificado como “sintoma social”¹³ de nossa época e que são, assertiva e ostensivamente, conectadas com o mundo do trabalho¹⁴:

A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. O Sujeito se entrega à *liberdade coercitiva* ou à *livre coerção* de maximizar o desempenho. [...] Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência. Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são

¹³ A ponto de ser possível dizer, como o faz Maria Rita Kehl (2015, p. 22), que “as depressões, na contemporaneidade, ocupam o lugar de sinalizador que “mal-estar na civilização” que desde a Idade Média até o início da modernidade foi ocupado pela melancolia”.

¹⁴ Do mesmo modo, Vladimir Safatle (2015, p. 44-45): “a reconfiguração do universo do trabalho através dos imperativos da flexibilização e do desempenho não são sem produzir um saldo patológico inexorável”.

precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal. (HAN, 2017, p. 29).

Sempre próximo do adoecimento e longe da satisfação pessoal, o sujeito pós-moderno se desgasta em rumo ao nada, pois a recompensa de um trabalho flexível é justamente sua reconfiguração constante. Indivíduos autômatos, descrentes, inseguros e oportunistas se engajam em um jogo no qual as estruturas normativas em constante mutação dão desenvoltura moral e sucesso financeiro àquele que sabe atuar no ambiente de competição individualista. Aqui fica claro que o trabalho da sociedade do desempenho é verdadeiro centro de treinamento do cinismo moderno, já que o comportamento adaptativo e moralmente descomprometido é estimulado em ambientes assim. Como reconhece Peter Sloterdijk (2012, p. 33), “é isso que importa ao cinismo moderno: a capacidade de trabalho de seus representantes – apesar de tudo, e mesmo depois de tudo”.

O embotamento cínico *no* e *pelo* trabalho também é maior entre os mais jovens. Como observou contundentemente a professora argentina Mercedes Potenze, em uma época de falta de previsibilidade e perspectivas em relação ao sustento, a desesperança no futuro profissional e a consciência na artificialidade das regras que sustentam o trabalho faz com que o comportamento oportunista e cínico seja “uma qualidade profissional indispensável para atuar no mundo do trabalho”:

A instabilidade característica do cenário em que suas vidas transcorrem torna-os irremediavelmente cínicos, pois percebem com clareza o caráter artificioso das regras que estruturam as diferentes esferas de ação: são capazes de reconhecer seu caráter puramente convencional e, por isso mesmo, nenhum esforço vale, literalmente, a pena. Só serão capazes de atuar ali onde a ocasião lhes for propícia. Desse modo, oportunismo e cinismo imbricam-se e, embora constituam uma qualidade profissional indispensável para atuar no novo mundo do trabalho, ambos provêm de uma socialização extralaboral (POTENZE, 2016, p. 140).

Potenze narra a vida e as consequências das conjunturas na visão de mundo dos jovens que procuram ocupação, observando que o cinismo é a resposta natural daqueles que simplesmente têm de trabalhar. Sua leitura

ajuda a localizar o cinismo no local de trabalho para além das disfunções de relacionamento interpessoal, aproximando as reações pessoais ao ambiente laboral àquela outrora identificada na figura dos *outsider-cynics*, os cínicos de baixo escalão da ordem social, para os quais a “alienação, apatia e a abstenção da participação”¹⁵ são o reflexo do “desapontamento com o fracasso na realização das promessas e ideais da política democrática e uma descrença na possibilidade de mudança positiva” (KENNAN, 2008, p. 4). Com sua narrativa, ilumina-se o fato de que ser cínico é não só uma tática de representação no trabalho, é, também, a resposta pessoal a uma estrutura invertida, mas a resposta consciente dessa inversão: para se sustentar na lógica produtiva da pós-modernidade, o sujeito tem de efetuar uma decapagem das noções valorativas postas em circulação, decapagem que o faz *entrar* em um jogo, não necessariamente (e muito improvavelmente) *ganhar* com ele.

Tudo isso se realiza, é preciso lembrar, sob os auspícios da autonomia e da liberdade, como se se realizasse (cnicamente) os valores iluministas da auto-determinação e da auto-legislação. Aqui, o trabalho é só mais uma das peças pelas quais se encena o jogo de máscaras comum da experiência. Mas esse jogo vai bem mais adiante. Como na profusão de informações e notícias que, ao serem apresentadas de forma equivalentes mesmo sendo totalmente díspares, nos fazem indiferentes moralmente a fatos que merecem comoção devida;¹⁶ ou na forma como os atores políticos e a mídia utilizam o desencantamento e o medo para capitanear público e sucesso eleitoral. (KENAN, 2008, p. 4). Nada está livre da contaminação cínica e tudo parece, ao contrário, referenciar seu protagonismo, já que é a “temporalidade

¹⁵ Kennan, *The twilight of the political? A contribution to the democratic critique of cynicism*, 2008, p. 4.

¹⁶ Sobre isso, novamente, Sloterdijk (2012, p. 421): “Vivemos em um mudo que coloca as coisas em falsas equações, que produz falsas uniformidades e falsas equivalência (pseudoequivalências) entre tudo e entre cada coisa e, por meio daí, também desemboca em uma desintegração e em uma indiferença espirituais, nas quais os homens acabam perdendo a capacidade de distinguir um do outro o correto do falso, o importante do desimportante, algo produtivo de algo destrutivo – porque eles estão habituados a tomar um pelo outro”.

da própria sociedade atual que perde contato com tudo que é vinculativo, com tudo que estabelece laços” (HAN, 2017, p. 114-115).

A racionalidade cínica é isso: uma forma cega de amplitude social que permite se desconfiar de tudo; uma autorização para tratar coisas absolutamente diferentes de maneira igual. Nela, são trazidos ao protagonismo as fórmulas mais estranhas de fiança da existência, exatamente porque o cinismo é uma forma de praticar a variante pós-moderna da incerteza e da dúvida com o seguro de certezas postas, mesmo que as certezas não tenham qualquer cabimento.

Sem laços aos quais se afiançar, cansado e frustrado, o cínico é facilmente encartelado como consumidor de doutrinas que revelem a ele ao menos uma miragem de tranquilidade. Ainda que muitas dessas doutrinas instiguem o questionamento acerca de tudo e, portanto, gerem algo como uma paranoia da desconfiança, elas só podem fazê-lo porque há algo em que se encostar. Ou seja, é a certeza crente em *qualquer coisa* que dá condições para que se perpetue uma vida de descrença *em tudo!* Por isso, o cinismo não pode viver sem as instituições tradicionais e as instituições tradicionais estarão sempre sujeitas a funcionarem como ancoradouro do desencanto e do desengajamento que subjaz à mentalidade cínica.

Agora, a Terra plana talvez passe a fazer algum sentido. Se eu não posso experimentar nenhuma realização, então nada vale o esforço emocional e físico que as mudanças de relevo demandam. Tampouco faz algum sentido acreditar em valores que sustentem a mobilização social e confiança interpessoal necessárias para isso. Aqui, na era da instabilidade, o conforto é o melhor ativo, e é bastante claro que nem as incertezas das revoluções nem as simples modificações estruturais garantem isso. Em um cenário como esses, que parece sugerir uma queda vertiginosa no poder da razão, são as chances de qualquer transformação substancial que, sem magoar os terraplanistas, literalmente, vão para o espaço.

4 CONCLUSÃO

Pesquisas e reflexões que entrelaçam cinismo e manifestações como o movimento da Terra plana revelam muito mais do que uma certa proliferação do comportamento esquizoide. Elas dão rosto a uma impressão de que a generalização dessas fórmulas advém de um modelo de comportamento moral – que reage à realidade, rindo e destruindo a realidade.

Nesse sentido, embora seja possível ler a situação atual como um evento da pós-verdade, a expressão não consegue dar a dimensão nem a profundidade do problema. Ela arrasta a reflexão para um conjunto de práticas e modos de pensar que entra na vala comum do 'pós' sem que isso ofereça algum desconforto. Como visto, a toxicidade desse cenário é indicada pelo cinismo, pois ele é a mentalidade, o cenário e a força que subjaz a condutas como as que aqui se estudou. Nesse ponto, o cinismo permite que se dê o devido julgamento e se perceba a capacidade destrutiva da proliferação do terraplanismo e das demais teorias conspiratórias que parecem ser fortes o suficiente para encantar e para assumir postos de comando pelo mundo afora.

A racionalidade cínica, por fim, consegue mostrar que é preciso levar a sério certos fenômenos ainda que eles pareçam risíveis e que não seja possível levar sua *verdade* a sério, mesmo porque rir e ironizar talvez seja o primeiro impulso para a contaminação existencial das posturas cínicas – porta de entrada para o descaminho das resoluções racionais e para a desagregação social que impede qualquer a realização de expectativas de mudanças relevantes no modo de condução da vida e dos negócios mundanos.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Paulo Eduardo. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo: Boitempo, 2014.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

- BEWES, Timothy. *Cynicism and postmodernity*. New York: WW Norton, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DOYLE, Arthur Conan, *O signo dos quatro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. Subjetividade em tempos de pós-verdade, in: *Ética e pós-verdade*. Porto Alegre / São Paulo: Dublinense, 2017.
- HABERMAS, Jürgen. *Técnica e ciência como "ideologia"*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- HAN, Byung-Chul. *A agonia do eros*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- _____. *A sociedade da transparência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 11.
- _____. *A sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- _____. *Psicopolítica: neoliberalismo y nuevas técnicas de poder*. Barcelona: Herder Editorial, 2014.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2014.
- _____. *O neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo: Loyola, 2008.
- KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- KENNAN, Alan. The twilight of the political? A contribution to the democratic critique of cynicism, In: *Theory & Event* 2, n. 1, 1998.
- MAZELLA, David. *The making of modern cynicism*. Charlottesville, VA: University of Virginia Press, 2007.
- POSTONE, Moishe. *Time, Labor and Social Domination: a reinterpretation of Marx's critical theory*. Cambridge University Press, 1993.
- POTENZE, Mercedes. Os jovens no mundo do trabalho: uma análise a partir de filmes. In: *Trabalho artístico e técnico na indústria cultural*. São Paulo: Itaú Cultural, 2016.
- ROSA FILHO, Sílvio. *Eclipse da moral: Kant, Hegel e o nascimento do cinismo contemporâneo*. São Paulo: Discurso Editorial: Editora Bancarolla, 2008.
- SAFATLE, Vladimir. *Cinismo e a falência da crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.

SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da razão cínica*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

_____. *Regras para o parque humano* – uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

ZIZEK, Slavov. Como Marx inventou o sintoma? In: Zizek (org.) *Mapa da Ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

_____. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.